

INFRA-ESTRUTURA AINDA É DEFICIENTE NOS PÓLOS

Falta de asfalto, luz e saneamento básico espanta empresas das Áreas de Desenvolvimento Econômico do DF. Das 18 ADEs existentes, apenas duas — do Guará e de Águas Claras — têm ocupação acima de 80%

LUCIANA NAVARRO

DA EQUIPE DO CORREIO

GUILHERME QUEIROZ

DO JORNAL DO COMMERCIO

Criados para incrementar a economia e a renda do Distrito Federal, as Áreas de Desenvolvimento Econômico (ADEs) estão longe de atingir seus objetivos. Não por falta de interesse dos empreendedores, mas principalmente pela ausência de infra-estrutura. Nos 18 pólos em funcionamento não há um com estrutura completa. Alguns, como o de Modas, no Guará II, estão mais desenvolvidos, mas mesmo assim a infra-estrutura é deficiente. Em muitos lugares ainda falta luz, asfalto e saneamento básico. E a carência é antiga. Data das primeiras ADEs instaladas em Ceilândia, em 1989.

Sem estrutura necessária para a instalação de negócios, as ADEs ainda possuem muitos terrenos desocupados, a espera de contratação por meio do programa de incentivos do Pró-DF. De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Governo do DF (SDE), responsável pela administração das áreas, a taxa de ocupação apresenta enorme variação: atinge o pico de 95% no Pólo de Modas do Guará, desce para a ADE de Águas Claras (85%) e despencas para a casa dos 10% em áreas com problemas graves de infra-estrutura como a ADE Centro-Norte e o Setor de Materiais de Construção, ambos em Ceilândia.

O secretário de Desenvolvimento Econômico, Marcus Antônio Silva, reconhece o atraso na consolidação da infra-estrutura básica das ADEs. Garante, porém, que 2006 foi o ano em que mais se avançou na conclusão das obras. "Gostaríamos de estar bem mais adiantados mas, infelizmente, ainda estamos na metade. Antes, o problema era geral. Hoje, ele é parcial", resume. Os progressos feitos ao longo de 2006, afirma, atraíram o maior volume de investimentos desde a criação do Pró-DF, em 1999. "Em termos de investimentos privados, conseguimos captar cerca de R\$ 200 milhões, com a aprovação de 330 projetos", relata.

Para ele o montante investido por empresários poderia ser maior se mais ADEs estivessem com as obras concluí-

Daniel Ferreira/CB



ROMEU JOSÉ DE OLIVEIRA, APESAR DAS DIFICULDADES, ESTÁ INVESTINDO R\$ 3 MILHÕES NA MUDANÇA DA GRÁFICA BRASIL PARA O PÓLO JK, EM VALPARAÍSO

das. Ano passado, porém, nem mesmo as previsões da secretaria de que todas as 18 ADEs seriam consolidadas se cumpriu. Por duas razões: a execução apenas parcial dos R\$ 273 milhões previstos no Orçamento de 2006. A segunda, a impossibilidade de se assinar um contrato com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) com recursos US\$ 58 milhões destinados à total urbanização dos pólos. "A análise do contrato ainda está em andamento e agora vai depender da vontade do próximo governo. Mas se tivéssemos as ADEs com as estruturas todas prontas, dando condições plenas ao empresariado, o investimento seria maior", diz.

Apesar do discurso das autoridades, os empresários que investiram nas áreas de desenvolvimento tiveram de resistir às dificuldades para manter os negócios. O Pólo de Modas do Guará II, menina dos olhos do governo do DF, so-

breviou por três anos sem asfalto. A pavimentação chegou em junho de 2006, foi concluída no segundo semestre, mas a estrutura do local ainda deixa a desejar. A área tem 462 lotes, sendo que 256 são destinados a confecções. Mas nem a oferta de terrenos atrai os empresários. No local, funcionam aproximadamente 70 empresas, apesar de 95% dos terrenos conterem construções.

Otimismo

Mesmo diante dos problemas existentes nas 18 ADEs, há quem considere viável começar um negócio nos pólos de desenvolvimento econômico do DF. O empresário Romeu José de Oliveira, dono da Gráfica Brasil, vai levar sua empresa do Setor de Indústria Gráficas para o Pólo JK, em Valparaíso, em março. Segundo ele, a mudança segue critérios econômicos. A fábrica precisava passar por uma ampliação, o que custaria muito caro ca-

so a reforma fosse feita no Plano Piloto.

"Estou investindo R\$ 3 milhões na obra completa. No Plano, construir um galpão de 6 mil metros quadrados sairia, pelo menos, três vezes mais caro", justifica Oliveira. Com a expansão da gráfica e os gastos com novos equipamentos, o empresário espera aumentar o quadro de funcionários de 110 para 200 até o fim do ano.

Mesmo animado com a mudança de ares, Oliveira sabe das dificuldades que enfrentará na nova sede. "No Pólo JK falta comércio nas ruas, escoamento de água pluvial e asfalto nas vias intermediárias, mas a chegada da infra-estrutura está próxima", diz. Além de economizar com o aumento do espaço físico da empresa, Oliveira espera gastar menos com transporte de funcionários. Inicialmente, ele pretende oferecer condução privada aos empregados que moram no Plano Piloto. "Temos muitos

funcionários sem casa própria e vamos tentar alocá-los em Valparaíso ou Santa Maria para ficarem mais perto da empresa", afirma o empresário.

Expansão

Mesmo com os problemas existentes nas 18 Áreas de Desenvolvimento Econômico (ADE), o governo do DF planeja expandir o número de locais criados para atrair empresas. Parte delas, como o Pólo de Biotecnologia, o Pólo Gráfico, a Cidade Digital e o Setor Atacadista, por exemplo, já existem no papel, em leis aprovadas pela Câmara Legislativa. Não há, porém, previsão de que essas novas áreas saiam do papel tão cedo. "Algumas das áreas já estão com os projetos de planejamento mais adiantados, mas ainda dependem de alguns fatores para se concretizarem", afirma o secretário de Desenvolvimento Econômico do DF, Marcus Antônio Silva.